

50 1956 . 2006
anos



*50 Anos a tornar a Cortiça
um dos melhores materiais do Mundo.*



ÍNDICE

Nota de Abertura

APCOR. 50 anos de História.

Cronologia

Nove Presidentes, Nove Testemunhos

Henrique Silva e Sousa

Joaquim Soares de Carvalho

Roberto Milheiro da Costa

Américo Ferreira de Amorim

Joaquim Ferreira de Amorim

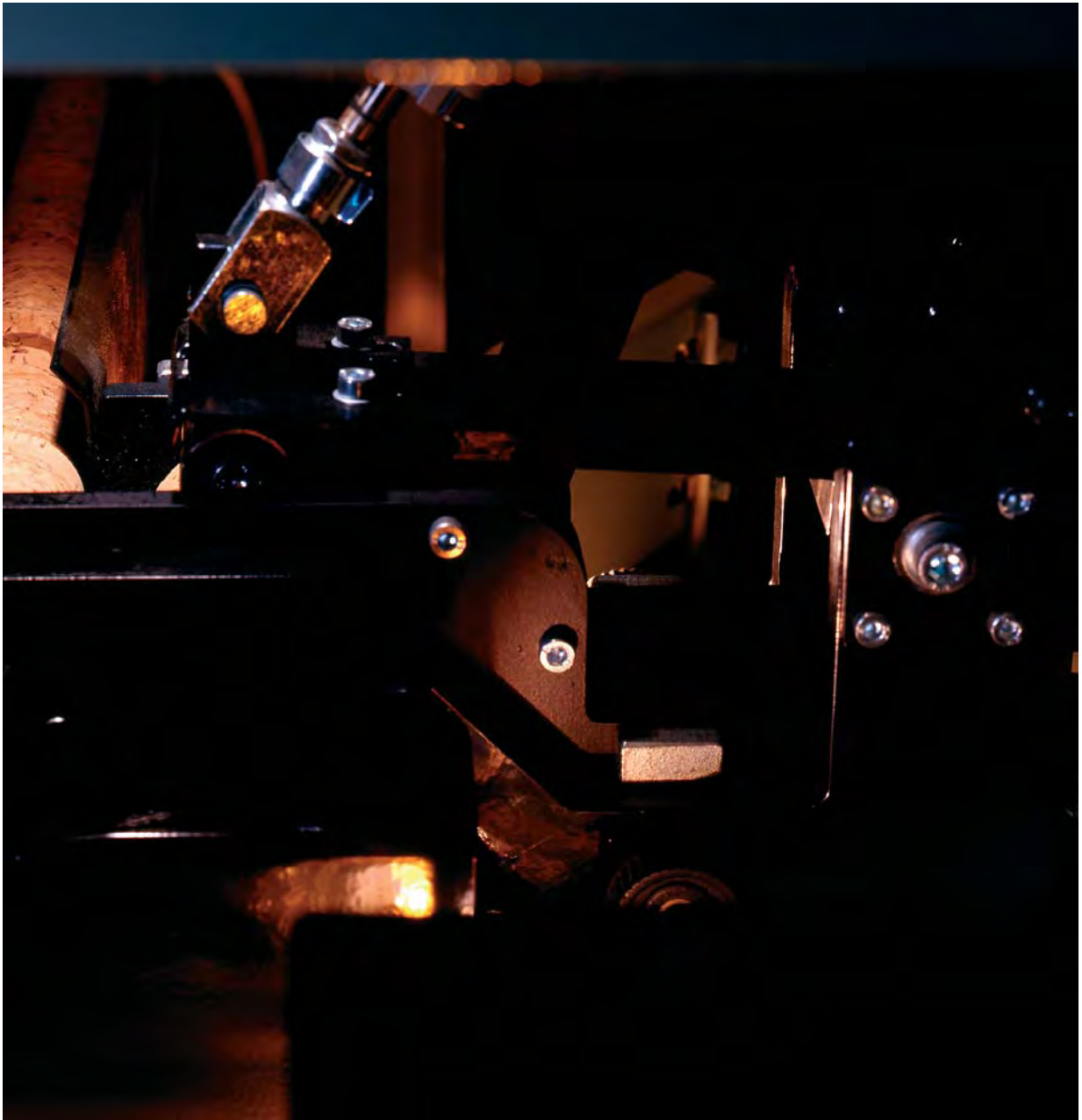
Henrique Ferreira Veiga de Macedo

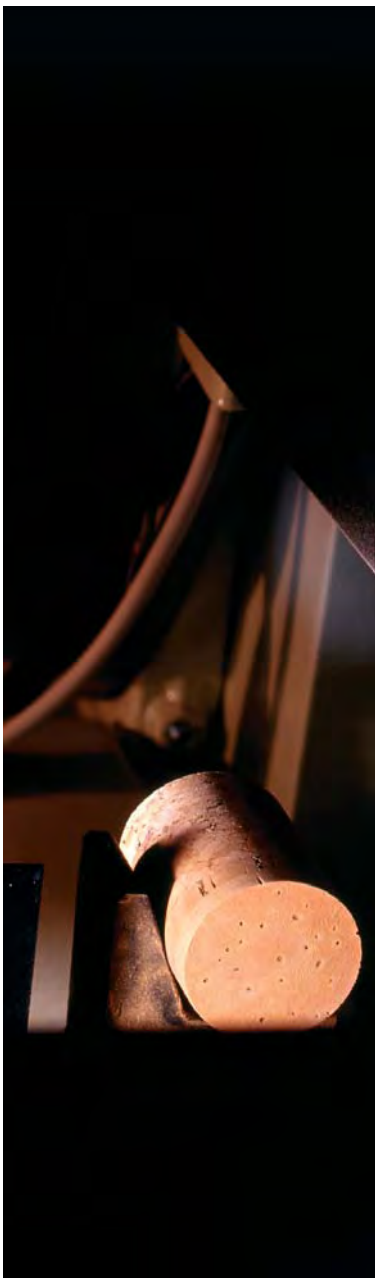
Carlos Alberto Ferreira de Lima

Henrique Martins da Silva

António Rios de Amorim

APCOR. Presente e Futuro.





NOTA DE ABERTURA

A Associação Portuguesa de Cortiça comemora neste ano de 2006, os seus cinquenta anos de existência.

Meio século de vida, meio século de actividade inteiramente dedicado ao desenvolvimento e à prosperidade do sector corticeiro português, um papel que a nossa associação se orgulha de ter cumprido dia após dia, com determinação e convicção.

Já nada resta do pequeno grémio regional fundado em 1956 e cuja evolução tem sido assombrosa. Crescemos quase exponencialmente, conquistámos novos associados e, hoje, representamos a maioria das empresas do sector, seja qual for a sua dimensão, vocação ou expressão de actividade.

Com sede no Concelho de Santa Maria da Feira, região líder na transformação da cortiça, ao longo da sua vida, a associação consagra a sua vocação nacional e estende a sua acção, representando empresas de norte a sul do país.

Crescemos, do mesmo modo, no sentido de fileira da cortiça e apostando, pois, num movimento alargado de participação associativa. A mobilização de esforços entre os representantes do estúdio da produção e do estúdio da transformação de cortiça revela-se, assim, fundamental para o reforço do sector.

É certo que nem sempre o caminho percorrido foi fácil e isento de obstáculos. Muito pelo contrário, foram várias e difíceis as adversidades enfrentadas e os problemas a resolver, assim o provam os depoimentos de alguns dos nossos antigos presidentes que, neste livro, deixaram o seu precioso testemunho.

Mas graças a duas condições essenciais - o espírito de equipa que sempre prevaleceu entre as diferentes direcções e a capacidade de mobilização dos associados em torno dos objectivos comuns ao sector -, conseguimos chegar ao século XXI com feitos e conquistas que nos enchem de orgulho.

Como presidente da APCOR, a legítima representante da indústria corticeira nacional, só me resta desejar e empenhar-me para que os próximos cinquenta anos sejam tão profícuos como os que passaram. E que, acima de tudo, mantenham e reforcem a posição de Portugal enquanto líder mundial na produção, transformação e exportação de cortiça.

António Rios de Amorim
Presidente da Direcção da APCOR





APCOR. 50 ANOS DE HISTÓRIA.

1956. Num Portugal rural e periférico, marcado por gritantes assimetrias sociais e refém de um regime autoritário e nacionalista, nascia mais um dos muitos organismos corporativos que tentavam vingar numa economia pouco competitiva e industrialmente condicionada, e valorizar um dos maiores recursos naturais do país, a cortiça.

No último mês desse ano, pelas quinze horas do dia 6, realizava-se no cine-teatro da freguesia de Santa Maria de Lamas, concelho da Feira, a "primeira assembleia-geral extraordinária do Grémio Regional dos Industriais da Cortiça do Norte" e cuja comissão directiva instaladora era presidida por Henrique da Silva e Sousa. Esta primeira acta, lavrada por Manuel Alves Moreira da Costa, então um jovem escriturário e ex-seminarista de 26 anos, é ainda bastante genérica: analisa-se "a situação da indústria corticeira do norte" e alguns industriais fazem "menção ao aumento de salários", bem como à "exportação de cortiças para o Brasil", à época um mercado apetecível e em franca expansão.

Era vice-presidente do Grémio Joaquim Soares de Carvalho e vogais, Américo Paulo Amorim, José de Almeida Lima e Joaquim Dias Rodrigues Pereira. Entre sócios e contribuintes (aqueles que não queriam ser sócios mas que, por força da lei, eram obrigados a pagar) chegavam aos 182, todos eles proprietários das inúmeras fábricas que povoavam a região, cada um pagando uma quota mensal de 15 escudos.

Apenas alguns meses antes, em Agosto, e através da Lei nº 2085,* o Estado Novo, instituiu oficialmente aquela que viria a ser uma das orientações fundamentais do regime, o corporativismo.

*Fonte: História de Portugal em Datas – Círculo de Leitores

Toda a vida económica e social do país organizava-se assim, segundo este sistema que estabelecia um maior controlo do Estado sobre as actividades económicas, dificultando a existência dos sindicatos.

“Como éramos um organismo meramente corporativo, infelizmente não tínhamos grande poder de decisão”, relembra Manuel Moreira da Costa, hoje com 76 anos e, desde 2001, já reformado da associação, onde chegou a secretário-geral (1968-1970), depois de mais de quarenta e cinco anos de dedicação. “Qualquer medida que quiséssemos tomar tinha que ser previamente submetida ao ministério das Corporações e Previdência Social, sob a tutela do ministro Henrique Veiga de Macedo”.

Ainda assim, Moreira da Costa conta que nesses primeiros anos não se passou “grande coisa”. “A primeira grande conquista do Grémio do Norte - porque também havia o do Centro e o do Sul - foi a concessão do alvará à INACOR (Indústria Nacional da Cortiça) em 1964, que permitiu que se instalasse na região uma cooperativa de granulados e aglomerados. Ainda foi no tempo do presidente Silva e Sousa (já falecido) que lutou muito contra o condicionamento industrial!”

E prossegue, desfiando memórias dos homens e dos feitos que marcaram a vida da casa. Recorda o seu segundo presidente, Joaquim Soares de Carvalho, também já falecido, que conseguiu igualar os salários do operários do Norte, aos do Sul e do Centro, quase dez por cento superiores e que, por 580 contos, construiu a nova sede num terreno doado por Henrique Amorim.

E ainda, do poliglota e relações públicas por excelência, Roberto Milheiro da Costa, exímio representante do Grémio no estrangeiro e, sobretudo, na C.E.Liège (Confederação Europeia da Cortiça) e de Américo Amorim que, em pleno período pós-revolucionário, “arrancou a instituição do marasmo e revolucionou a casa”, abrindo o Grémio ao mundo através da sua Comissão de Publicidade que convidava estrangeiros a visitar o país.

Lembre-se igualmente de Henrique Veiga de Macedo que fez da fundação do CTCOR (Centro Tecnológico da Cortiça) o seu cavalo de batalha e que lançou as bases do que veio a ser o CINCORK (Centro de Formação Profissional da Indústria da Cortiça), ao assinar o protocolo com o IEFP (Instituto de Emprego e Formação Profissional); mas também de Carlos Ferreira Lima que promoveu múltiplas viagens ao exterior e que se recusava a aceitar quaisquer subsídios do Estado ou da Comissão Europeia.

Nesses primeiros tempos, a zona norte do concelho da Feira não passava de uma sucessão de pequenas aldeias - Lourosa, Santa Maria de Lamas, Mozelos, Fiães, Paços de Brandão, S.Paio de Oleiros... - povoadas por uma população pobre e essencialmente operária, cuja sobrevivência dependia sobretudo, das grandes fábricas produtoras de rolhas (indústria transformadora simples), uma vez que a Lei do Condicionamento Industrial que então vigorava, obrigava a que todos os desperdícios fossem enviados para o sul, Montijo e Barreiro, onde se concentravam as grandes unidades fabris produtoras de aglomerados e granulados, a chamada indústria transformadora complexa. Esta havia-se desenvolvido a partir de meados dos anos 30, quando





a Guerra Civil Espanhola empurrou muitos catalães fugitivos para Portugal. Houve quem se instalasse em Évora, Azaruja, em Santiago do Cacém ou ainda mais abaixo, no Algarve, em São Brás de Alportel e em Silves, onde uma das primeiras grandes fábricas de então, conhecida como a “fábrica do inglês”, é hoje um espaço cultural de referência. Mas, pouco a pouco, os corticeiros algarvios ganham terreno e rumam a norte, instalando-se na zona do Montijo e indo buscar matéria-prima aos grandes sobreirais a sul do Tejo, já que os de Trás-os-Montes e Alto Douro abasteciam as fábricas de Vila Nova de Gaia que se haviam desenvolvido a partir de fins do século XIX, com a mudança do entreposto comercial vinícola da Régua para a margem sul do Douro, a fim de facilitar a exportação.

Até então, ocupavam a margem norte do rio e reza a história que a primeira fábrica de rolhas de cortiça de que há conhecimento em Portugal, pertencia à família Clemente Menéres e situava-se em Mirandela, na herdade do Romeu, numa das maiores propriedades do norte do país.

Só muito mais tarde, em meados do século XIX, é que as populações de Lamas, Mozelos, Lourosa e demais aldeias, e que, semanalmente, se deslocavam a Gaia para produzir rolhas, localizam o centro de produção nesta região para, posteriormente, transportarem a mercadoria para a Real Companhia Velha. “Começou por ser fundada a Casa do Cruzeiro, uma pequena fabriquetua manual. Quando havia uma encomenda, tocavam os sinos e largava-se a lavoura para se fazer o trabalho”, conta Henrique Veiga de Macedo, 58 anos, o mais jovem presidente que a associação teve, um cargo ganho após uma disputada noite eleitoral.

Curiosamente, mais de duas décadas antes, em 1958, tinha apenas dez anos quando o pai, José Alves Veiga de Macedo, o levou a ver as primeiras eleições do Grémio, que tiveram lugar a 9 de Setembro de 1958, e onde a ordem de trabalhos apresentada e lavrada em acta, a segunda de que há registo, é já mais extensa e cuidada.

Propõe-se o envio de uma carta ao governo que, pormenorizadamente, indica “várias medidas julgadas convenientes para manter o equilíbrio da Economia Corticeira Nacional”, sendo ainda levada a cabo, com particular atenção, “a eleição dos novos corpos gerentes” que passam a dividir-se entre em assembleia-geral, direcção e conselho geral (ver Cronologia).

Mas, em 1958, o país estava em polvorosa, pois vivia-se o rescaldo da candidatura de Humberto Delgado à presidência da República, da respectiva fraude eleitoral e da consequente onda de greves políticas e inúmeras prisões que se seguiram. “Ainda assim, foi graças aos bons ofícios do meu tio homónimo, Henrique Veiga de Macedo, natural de Lamas, conhecedor do sector e ministro das Corporações e da Previdência Social, que obtivemos do governo, a autorização necessária para a fundação do Grémio”, recorda.

Veiga de Macedo entra para a associação em 1976, convidado pelo então presidente Américo Amorim para integrar a recém criada Comissão de Publicidade, algo inédito e altamente inovador para a época e que propunha revelar o potencial da indústria corticeira portuguesa ao mundo, convidando clientes estrangeiros para visitar o país e desenvolvendo outras



Gráfico 1 • Evolução das Exportações Portuguesas de Cortiça 1984-2005 (em Milhões de Euros)

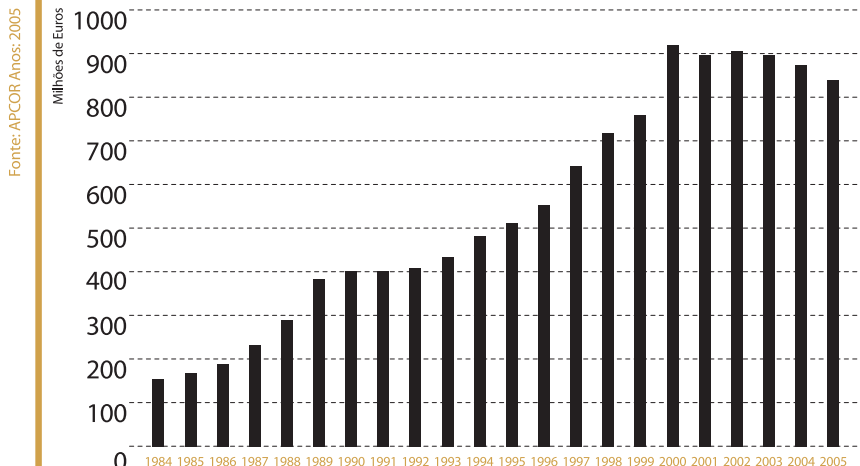
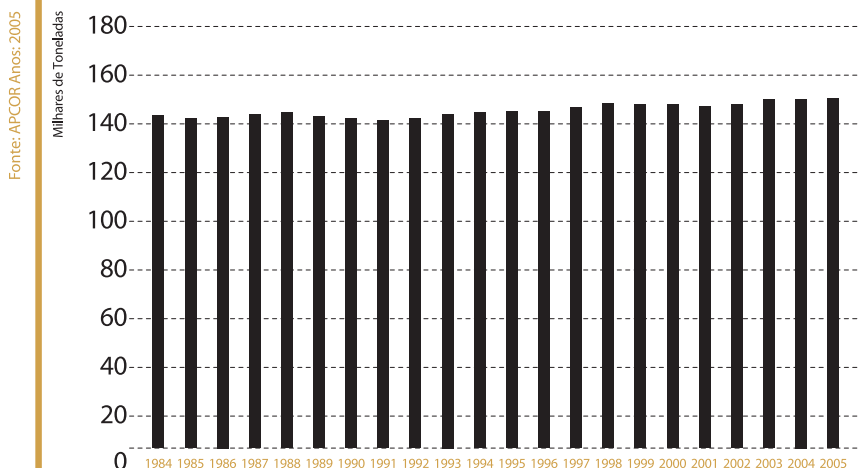


Gráfico 2 • Evolução das Exportações Portuguesas de Cortiça 1984-2005 (em Milhares de Toneladas)



iniciativas publicitárias de sucesso como o lançamento em França do livro *L'art du Liège*.

Com a Revolução de 1974 chega, um ano mais tarde, a reforma agrária que vem possibilitar a compra de grandes extensões de terra por parte de muitos industriais, sobretudo os do norte, onde cada metro era precioso, permitindo assim o acesso directo à fonte de matéria-prima. Mas passada a fase conturbada do pós-25 de Abril, em que fábricas paralisadas, sequestros dos patrões e ameaças constantes faziam parte do quotidiano da região, a Associação (porque com a mudança da ordem política, os estatutos são obrigatoriamente alterados) ganha um novo impulso, abrindo-se ao exterior e somando conquistas.

Aproveitando a chegada dos fundos comunitários e a estabilidade política que caracterizou as décadas de 80 e 90, a Associação transforma o concelho da Feira no maior centro produtor de cortiça do mundo, designadamente de rolhas, conseguindo roubar o protagonismo a França. Foram duas décadas de glória com as exportações a ascenderem a valores e tonelagens nunca antes alcançadas. (Gráfico 1 e 2)

Foram também anos marcados por uma profunda modernização das fábricas, um factor determinante que permitiu que Portugal se começasse a impor já não só como exportador de matéria-prima mas, cada vez mais, como exportador de produtos acabados (parquets, rolhas de cortiça, rolhas técnicas....).

“Essencial neste processo foi a criação, em 1985, quer do Centro Tecnológico da Cortiça (CTCOR), quer do Centro de Formação Profissional

da Indústria da Cortiça (CINCORK), dois organismos pelos quais a minha direcção se bateu insistentemente”, explica Veiga de Macedo.

“O primeiro porque, ao fundar-se um laboratório altamente especializado, conseguimos mudar o centro geográfico da cortiça a nível técnico e tecnológico para Portugal, quando este se situava em França. Assim, hoje, podemos orgulhar-nos de possuir a unidade mais avançada do mundo em termos de investigação, a única certificada para fazer análises ao TCA e merecedora de uma tal reputação que, quando há acções sobre a cortiça, já várias vezes foi chamada pelos tribunais para dar a sua avaliação enquanto entidade autónoma e independente”. E prossegue, convicto e entusiasmado: “Já o segundo veio alargar os horizontes às populações desta região, sobretudo aos mais jovens que, ao passarem a poder receber formação especializada, ganharam um futuro com perspectivas”.

Veiga de Macedo é incansável ao enumerar as múltiplas conquistas da Associação, lembrando velhas disputas, assembleias mais renhidas que se prolongaram noite dentro ou factos que comprovam a grande evolução que o sector sofreu. Refere, à laia de exemplo, que há trinta anos atrás, praticamente ninguém vendia rolhas ao consumidor final no estrangeiro, à cave, mas apenas aos importadores, o que constituía um enorme problema. Uma situação que se alterou de forma radical, pois estas passaram a ser vendidas directamente aos produtores de vinho sejam eles europeus, americanos, chineses ou australianos.

E conclui, sem conseguir evitar a advertência: “Há que evitar a todo o custo a massificação

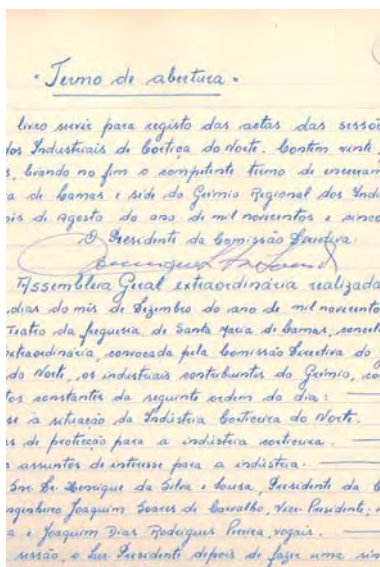
do produto. Se, actualmente, conseguimos oferecer ao mercado rolhas de altíssima qualidade, designadamente nas categorias topo de gama, então também devíamos criar novas aplicações da cortiça em produtos sofisticados e de igual nível de qualidade. Acredito que a APCOR é o lugar por excelência onde todos nós, os industriais da cortiça, se deviam encontrar para alcançarmos, em conjunto, este e tantos outros objectivos que nos são comuns”.





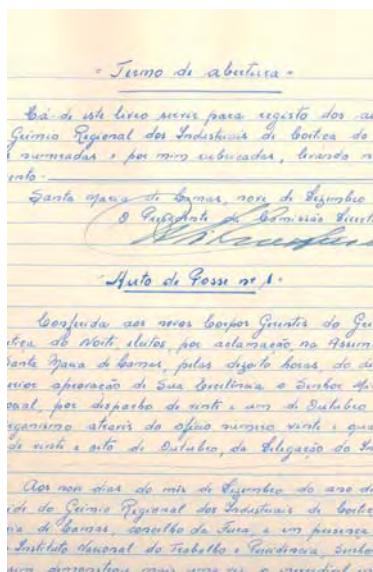


CRONOLOGIA



6 de Dezembro de 1956 - Fundação do Grémio Regional dos Industriais de Cortiça do Norte.

A comissão directiva instaladora era constituída por Henrique Silva e Sousa (presidente), Joaquim Soares de Carvalho (secretário), Joaquim Dias Rodrigues Pereira e Joaquim Almeida Lima (vogais). Cada empresa era obrigada a contribuir mensalmente com a módica quantia de 15 escudos.



9 de Setembro de 1958 - Desaparece a comissão directiva inicial e realizam-se as eleições dos primeiros corpos gerentes que se dividiam em assembleia-geral, direcção e conselho geral.

Presidia à assembleia-geral Henrique Alves de Amorim, sendo vogais Alfredo Pinto Coelho e António Dias Coelho. Já a direcção era formada por Henrique da Silva e Sousa (presidente), Joaquim Soares de Carvalho (vice-presidente) e Joaquim Dias Rodrigues Pereira (tesoureiro). Por fim, o conselho geral era constituído por um representante de cada actividade industrial (indústria preparadora, transformadora simples e transformadora complexa), respectivamente, Edmundo Alves Ferreira, Joaquim de Almeida Lima e Manuel Dias Coelho.

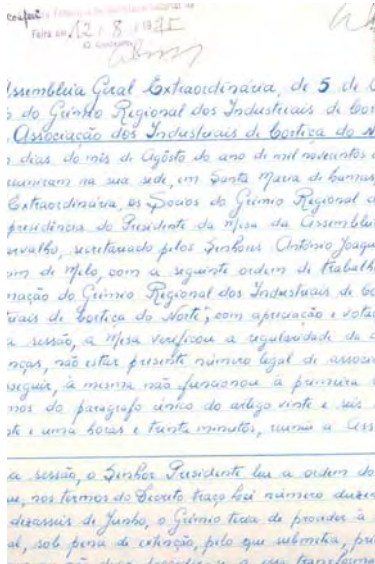


1964 - É concedido o alvará da INACOR (Indústria de Aglomerados de Cortiça) que passava a permitir ao norte, indústria preparadora e transformadora simples (somente o fabrico de rolhas), o aproveitamento dos desperdícios na terceira linha para a produção de granulados, aglomerados brancos e negros, passando assim a competir com o sul, na indústria transformadora complexa. Foi também neste ano que teve início a construção da primeira fábrica da Corticeira Amorim.

1965 - O Comendador Henrique Amorim oferece o terreno em Santa Maria de Lamas e, por 580 contos, constrói-se a nova sede do Grémio durante a presidência de Joaquim Soares de Carvalho.



1968 - Depois de muitas conversações entre os três Grémios de Industriais da Cortiça (o do Norte, o do Centro e o do Sul) consegue-se chegar a uma equivalência de salários, com benefício para os trabalhadores do Grémio do Norte que auferiam, à época, salários mais baixos (cerca de 7%) que os seus congéneres.



1975 - Com a mudança da ordem política a 25 de Abril de 1974, são extintas as corporações e o então ainda grémio, é obrigado a alterar os estatutos e a transformar-se em associação.

Nasce a Associação dos Industriais de Cortiça do Norte.

As quotas que inicialmente começaram por ser cobradas de acordo com a contribuição industrial de cada empresa, passariam a ter por base o número de trabalhadores. Por exemplo, uma empresa com dez trabalhadores pagava 200 escudos mensais, mas se tivesse mais de trezentos trabalhadores, pagava quatro contos por mês.



1976 - Sob a presidência de Américo Amorim forma-se a primeira Comissão de Publicidade, uma iniciativa inédita e visionária, pois foi responsável pela vinda a Portugal de várias comissões estrangeiras, sobretudo de alemães e franceses, com o objectivo de promover a cortiça portuguesa e dar a conhecer ao mundo o sector.



1987 - Com o apoio do então Ministro da Indústria e Energia, Luís Mira Amaral e através de um investimento de 400 mil contos oriundo de fundos comunitários, é fundado o Centro Tecnológico da Cortiça (CTCOR). Situado em Santa Maria de Lamas, o CTCOR foi, indubitavelmente, um dos grandes feitos desta associação, pois permitiu alterar o centro geográfico da cortiça, a nível técnico e tecnológico, de França para Portugal. Com a criação do CTCOR, Portugal pode orgulhar-se de ter a unidade mais avançada do mundo em termos de investigação. O CTCOR opera em duas unidades: St. Maria de Lamas e no Montijo.



1987 - A Associação, juntamente com as federações da cortiça da França, Itália, Espanha, Catalunha e Reino Unido, funda a Confederação Europeia da Cortiça (C.E. Liège), o organismo europeu com maior influência no sector. Objectivo: investigar, definir normas internacionais e partilhar conhecimentos com outros institutos e organizações do sector vinícola.

É também a C.E. Liège que, não só promove e actualiza o Código Internacional de Práticas Rolheiras (CIPR), um documento que estipula e regula os processos produtivos da indústria da cortiça, como também desenvolveu a certificação SYSTECODE, destinada a controlar e auditar a aplicação deste código por parte dos produtores.



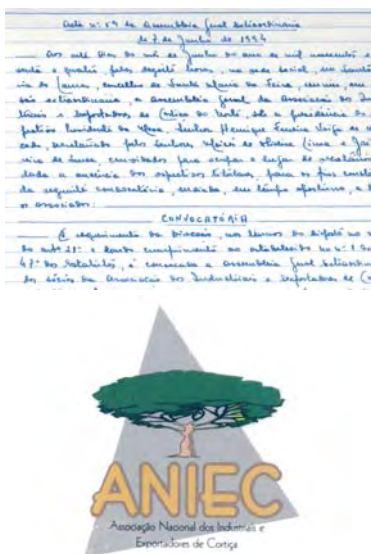
Setembro de 1987 - O CINCORK é oficialmente instituído através de um acordo protocolar entre o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) e a Associação dos Industriais e Exportadores de Cortiça do Norte.

O CINCORK é outra grande conquista da Associação, já que veio incrementar e promover a formação qualificada numa região e num sector onde o nível era muitíssimo baixo, conseguindo assim cativar as novas gerações para uma área em franco desenvolvimento.

Durante este ano é também adquirido pelo IEFP o terreno para as futuras instalações do CINCORK.



1992 - FEICOR. Realiza-se a 2ª feira da Indústria da Cortiça, desta vez nas instalações da Exponor em Leça da Palmeira, iniciativa que mobilizou um número considerável de empresas de cortiça, bem como de empresas de outros sectores – metalomecânica, químicas, entre outras.



1994 - Projecto de Investigação QUERCUS que, envolveu diversos laboratórios europeus, sendo financiado pelas associações presentes na C. E. Liège e, tendo custado à nossa associação cerca de 40 mil contos.

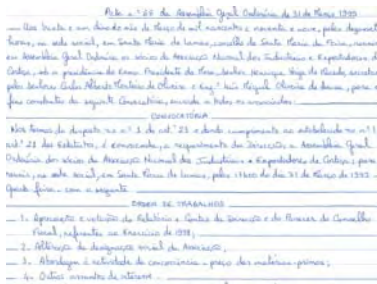
O projecto permitiu uma investigação profunda sobre a temática do TCA, que esteve na base da elaboração e implementação do CIPR – Código Internacional das Práticas Rolheiras.

7 de Junho de 1994 - Caem os regionalismos e a Associação torna-se nacional, palavra que passa a estar incluída na nova designação: Associação Nacional dos Industriais e Exportadores de Cortiça.



1998 - Assinatura do Contrato de Adaptação Ambiental entre a Associação e a Direcção Geral do Ambiente e a Direcção Geral da Indústria, com o objectivo de criar as condições de adaptação das empresas de cortiça à legislação ambiental.

Através deste contrato, registaram-se cerca de 100 empresas aderentes aos objectivos propostos iniciando-se, deste modo, um trabalho que ainda hoje perdura na melhoria da gestão ambiental no sector.



31 de Março de 1999 - Por fim, a escolha da designação actual e que perdura até hoje: APCOR - Associação Portuguesa de Cortiça.

Forte aposta na profissionalização dos serviços da APCOR, através do reforço da equipa e da contratação do director-geral executivo.



2000 - Surgem as primeiras 87 empresas portuguesas certificadas pelo SYSTECODE, Sistema de Acreditação das Empresas Mediante o Código Internacional das Práticas Roliheiras. Nos anos seguintes, este número crescerá progressivamente: 143 em 2001, 218 em 2002, 249 em 2003, 274 em 2004 e 278 em 2005, para um total de 419 empresas em todo o mundo, sinal inequívoco do comprometimento da indústria da cortiça com a qualidade.



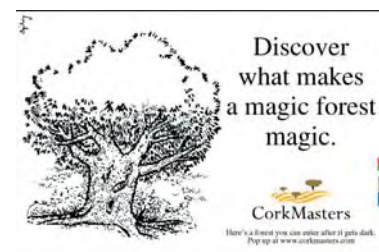
2000 - Início da publicação mensal do Notícias APCOR. Com uma tiragem de 1200 exemplares e distribuição gratuita, tem por objectivo divulgar as actividades da associação aos seus sócios e a diversas instituições públicas e privadas.



Julho de 2000 - Realização do 1º Congresso Mundial do Sobreiro e da Cortiça. Com carácter internacional, o Congresso conseguiu reunir nas instalações do Centro Cultural de Belém, em Lisboa, cerca de 1.100 congressistas, nacionais e estrangeiros. Ao longo de 3 dias, foi possível o debate de importantes questões relacionadas com diversos aspectos da Fileira da Cortiça.



2000 - Lançamento do *web site* da APCOR com a respectiva tradução em inglês.



2000 e 2001 - Juntamente com a DGI- Direcção Geral da Indústria, foi realizado o projecto CORK2000 que preconizou o início de duas acções específicas: investigação sobre rolhas e vedantes alternativos e, paralelamente, a realização de uma campanha de promoção da cortiça no Reino Unido (acção que esteve na base do futuro projecto CIC – Campanha Internacional da Cortiça).

O projecto contou ainda com uma acção junto da indústria, traduzida no apoio técnico na implementação do CIPR.



2004 a 2006 - Execução do Programa da Fileira dos Materiais de Construção destinado a desenvolver e reforçar a imagem da cortiça enquanto material de construção.

Englobando as mais representativas associações do sector a nível nacional – rochas ornamentais, metalúrgica e metalomecânica, cerâmica, madeira e cortiça -; bem como o ICEP Portugal, o projecto foi desenvolvido segundo um modelo de parceria público/privado.

O projecto contou com um investimento global de cerca de quatro milhões de euros e teve como mercados preferenciais a Alemanha, o Reino Unido, a França, o EUA, a Polónia, os Emirados Árabes Unidos, Angola, Canadá, Marrocos e Rússia.



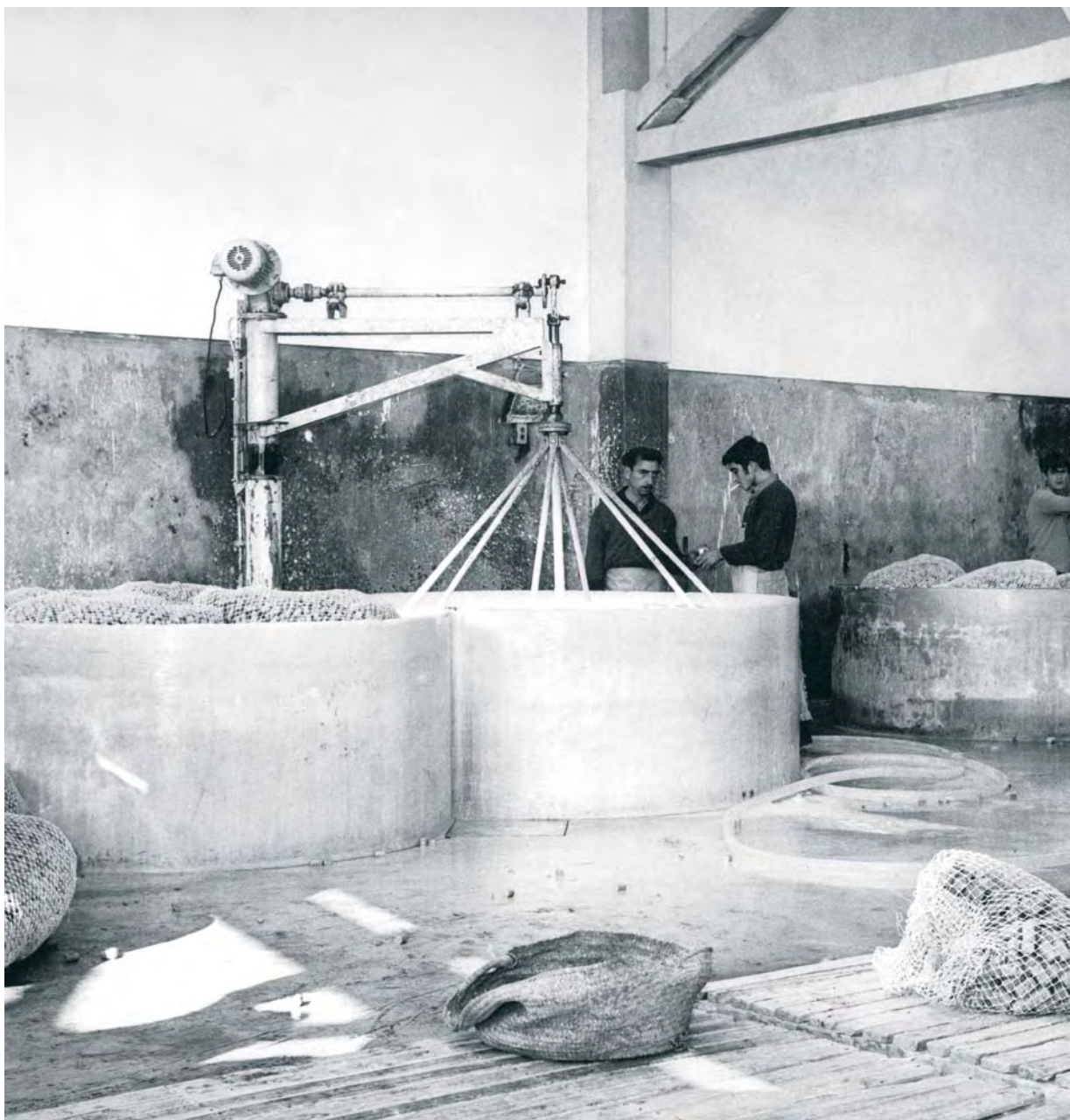
2005 a 2006 - Campanha Internacional da Cortiça (CIC II).

No seguimento da CIC I e também em parceria com o ICEP Portugal, tem lugar a CIC II, com um investimento de três milhões de euros, e tendo como mercados prioritários os Estados Unidos, a Austrália e o Reino Unido.

Numa acção de comunicação inédita, dá a cara pela cortiça nacional um outro português ilustre, José Mourinho, o famoso treinador do Chelsea FC.



17 de Janeiro de 2006 - É solenemente inaugurada por José Vieira da Silva, Ministro do Trabalho e da Solidariedade Social, as novas e modernas instalações do CINCORK situadas na zona industrial da Valada, em Santa Maria de Lamas.



NOVE PRESIDENTES NOVE TESTEMUNHOS

1958-1961

Henrique da Silva e Sousa
Henrique Alves de Sousa
Grémio Regional dos Industriais de Cortiça do Norte

1962-1964

Henrique da Silva e Sousa
Henrique Alves de Sousa
Grémio Regional dos Industriais de Cortiça do Norte

1965-1967

Joaquim Soares de Carvalho
Carvalho & C^a. Lda.
Grémio Regional dos Industriais de Cortiça do Norte

1968-1970

Joaquim Soares de Carvalho
Carvalho & C^a. Lda.
Grémio Regional dos Industriais de Cortiça do Norte

1971-1974

Roberto Augusto Milheiro da Costa
A. Paulo Amorim & Filhos, Lda.
Grémio Regional dos Industriais de Cortiça do Norte

1975-1976

Américo Ferreira de Amorim
Corticeira Amorim, Lda.
Associação dos Industriais de Cortiça do Norte

1977-1978

Joaquim Ferreira de Amorim
Amorim & Irmãos, Lda.
Associação dos Industriais de Cortiça do Norte

1979-1981

Américo Ferreira de Amorim
Corticeira Amorim, Lda.
Associação dos Industriais de Cortiça do Norte

1982-1985

Henrique Ferreira Veiga de Macedo
J. A. Veiga de Macedo, Lda.
Associação dos Industriais e Exportadores de Cortiça do Norte

1986-1988

Carlos Alberto Ferreira de Lima
José de Almeida Lima & Filhos, Lda.
Associação dos Industriais e Exportadores de Cortiça do Norte

1989-1991

Carlos Alberto Ferreira de Lima
José de Almeida Lima & Filhos, Lda.
Associação dos Industriais e Exportadores de Cortiça do Norte

1992-1994

Américo Ferreira de Amorim
Corticeira Amorim - Indústria, SA
Associação dos Industriais e Exportadores de Cortiça do Norte

1995-1997

Américo Ferreira de Amorim
Corticeira Amorim - Indústria, SA
Associação dos Industriais e Exportadores de Cortiça do Norte

1998-2000

Henrique Martins da Silva
Vinocor - Indústria de Cortiça, Lda.
Associação Nacional dos Industriais e Exportadores de Cortiça

2001

Henrique Martins da Silva
Vinocor - Indústria de Cortiça, Lda.
Associação Portuguesa de Cortiça

2002-2005 — 2006-2008

António Rios de Amorim
Amorim & Irmãos, SA
Associação Portuguesa de Cortiça



TESTEMUNHOS



HENRIQUE SILVA E SOUSA

PRESIDÊNCIA 1958-1961 — 1962-1964

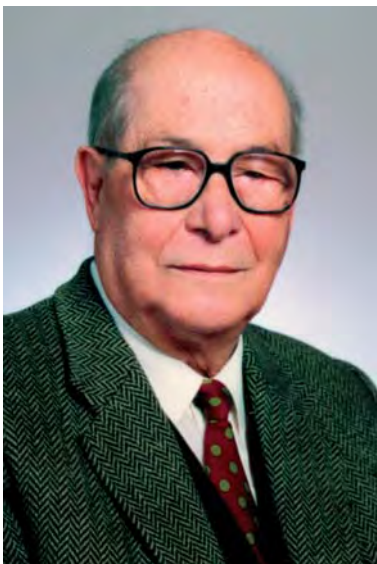
Henrique Silva e Sousa foi o primeiro presidente desta Associação. Tinha apenas 33 anos quando participou na comissão directiva instaladora que, a 6 de Dezembro, fundou o Grémio Regional dos Industriais da Cortiça do Norte. Dois anos mais tarde, em Setembro de 1958, as primeiras eleições dos corpos gerentes garantiram-lhe a presidência que exerceu até 1964, ano em que finaliza o seu segundo mandato.

Nascido em 1923, Silva e Sousa licenciou-se em Ciências Económicas e Financeiras pelo Instituto Superior Técnico de Lisboa, tendo, posteriormente, sido professor no Instituto Comercial do Porto.

Foi accionista e gerente de duas fábricas têxteis, a Cotel e a Tiel, bem como administrador da Fábrica de Tecidos de Ribeirão. Foi também fundador e accionista da INACOR (Indústrias de Aglomerados de Cortiça, SARL), além de presidente da mesa da assembleia geral do Banco Fernandes Magalhães e delegado por Portugal junto da Organização Internacional do Trabalho (OIT), em Genève.

Faleceu a 23 de Julho de 1992.

Os dados relativos ao curriculum vitae de Henrique Silva e Sousa foram fornecidos pelos seus descendentes directos mas, dado o seu falecimento e a total ausência de documentação escrita, não puderam ser completados com as datas referentes a cada um dos cargos ocupados.



JOAQUIM SOARES DE CARVALHO
PRESIDÊNCIA 1965-1967 – 1968-1970

Nascido em Santa Maria de Lamas, em 1918, Joaquim Soares Carvalho era engenheiro electrotécnico de formação, tendo-se licenciado na Faculdade de Engenharia do Porto, em 1942.

Após uma breve passagem pelas minas do Pejão como professor, ingressou na Sociedade Manuel Pinto de Azevedo onde permaneceu durante os primeiros vinte anos da sua vida profissional, sendo não só administrador, como o homem da confiança do seu proprietário homónimo.

Posteriormente, além da gestão permanente da empresa familiar Carvalho & Companhia, Soares Carvalho administrou uma série de outras

empresas: a Sociedade Agrícola de Covelinhas, a Porto Garagem (na rua Almeida Garret, no Porto), o Entrepasto Comercial do Norte, o diário portuense, *O Primeiro de Janeiro* e a Fábrica de Tecidos Areosa (Senhora da Hora).

Foi ainda vogal na Junta Nacional da Cortiça e membro do Conselho Fiscal da Companhia Portuguesa do Cobre.

Faleceu a 31 de Março de 2000.

Os dados relativos ao curriculum vitae de Joaquim Soares Carvalho foram fornecidos pela sua filha mas, dado o seu falecimento e a total ausência de documentação escrita, não puderam ser completados com as datas referentes a cada um dos cargos ocupados.



ROBERTO MILHEIRO DA COSTA
PRESIDÊNCIA 1971-1974

Nascido a 15 de Março de 1935, foi presidente da APCOR num período problemático da história de Portugal.

Era então presidente da empresa A. Paulo Amorim & Filhos, Lda, tendo, posteriormente, exercido o cargo de administrador da empresa Concorco e da INACOR – Indústrias de Aglomerados de Cortiça, SARL.

Os dados biográficos foram fornecidos pelo filho Pedro Costa.



AMÉRICO FERREIRA DE AMORIM

PRESIDÊNCIA 1974-1976 — 1979-1981 — 1992-1994 — 1995-1997

Américo Amorim é, indiscutivelmente, um nome incontornável não só na indústria corticeira mundial, como na vida empresarial portuguesa. O Grupo Amorim (GA) fundado em 1870, do qual é presidente e figura de proa há mais de trinta anos, tornou-se num portentado económico que diversificou do seu *business* de origem, a produção de rolhas de cortiça, ainda hoje a sua marca histórica, para áreas tão díspares como a banca, o turismo, a imobiliária e o vinho do Porto.

Integrando 200 empresas, entre associadas e participadas (directa ou indirectamente) e cerca de 5500 trabalhadores, o Grupo Amorim apre-

senta activos superiores 1,5 mil milhões de euros, sendo, actualmente, o líder mundial e incontestado do sector da cortiça, com subsidiárias em todos os continentes e exportando para mais de 100 países.

O seu líder, Américo Ferreira de Amorim, nasce em 1934, em Mozelos, concelho de Santa Maria da Feira e, aos 19 anos, após concluir o curso comercial, integra aquela que era então a única empresa do Grupo, a Amorim & Irmãos. A partir de 1963, inicia o processo de integração vertical da indústria com a criação da Corticeira Amorim e, até meados da década de oitenta, completa a verticalização produtiva do Grupo na área da cortiça, ficando esta organizada em diferentes unidades de negócio (Rolhas, Matérias-Primas, Revestimentos, etc...).

Mas será nos finais dos anos oitenta e ao longo da década de noventa, com a aquisição ou a criação de canais de distribuição próprios, que o Grupo Amorim ganha a pujança e o actual domínio mundial do sector. Basta referir que, em 1998, a Corticeira Amorim adquire o grupo Interchampanhe, realizando a maior aquisição de sempre nesta área de negócios.

Paralelamente, Américo Amorim vai investindo em outras áreas como a banca. Em 1977, participa na fundação do actual banco BPI, seguindo-se a criação do BCP – Banco Comercial Português (1983/4), da Soserfin, hoje Banco Português de Negócios/Real Companhia de Seguros (1985/6) e do Banco Nacional de Crédito (1992). Mas investe igualmente no sector hoteleiro onde, em 1988, realiza uma *joint venture* com o Grupo Accor (hotéis Ibis, Novotel, Mercure e Sofitel), nas telecomunicações (1991) com a adesão ao pro-

jecto Telecel (Vodafone) e no petróleo com a participação na privatização parcial da Petrogal (1995).

O século XX chega ao fim com a incursão numa nova área de negócios através da aquisição do Grupo Burmester (Vinho do Porto) e o século XXI é inaugurado com a compra de 32% da Estoril –Sol SA através da Sociedade Figueira Praia.

Em 2002, Américo Amorim tem o privilégio de comemorar 50 anos de actividade empresarial e, um ano depois, mediante uma operação de troca de acções do BNC, transforma-se no maior accionista individual do Banco Popular Espanhol, o terceiro maior de Espanha.

Em 2004, a diversificação do grupo chega ao imobiliário com a inauguração do primeiro centro comercial da cadeia Dolce Vita que conta já com mais duas congéneres no Porto e em Coimbra, e uma terceira em fase de construção, em Lisboa.

No ano seguinte, funda o Banco Internacional de Crédito em Angola, mas 2005 ficará também marcado quer pela quarta reorganização interna do Grupo em que as holdings Amorim Imobiliária e Amorim Turismo passam a estar afectas às áreas privadas da família, quer pela aquisição (através da *sub-holding* Amorim Energia) em parceria com a Sonangol, de 33,44% do capital da Galp.

Além das inúmeras empresas do Grupo e da Família onde, invariavelmente, ocupa a presidência do conselho de administração, Américo Amorim participa ou é membro de várias organizações internacionais. É o caso da European Round Table of Industrialists (ERT) na qual foi o único membro português entre 1989-2003, da Confederação

Europeia da Cortiça onde exerceu a presidência até 1997, do INSEAD onde integrou o Conselho Português (1998-2001) e, desde 2005, do Conselho de Cooperação Económica.

Mas também marca presença em organismos nacionais como a Associação Empresarial de Portugal, a Associação Comercial do Porto e, entre muitos outros, as Fundações de Serralves, BCP e Luso Espanhola onde foi membro fundador.

Quanto a títulos honoríficos, o destaque vai para a comenda de Mérito Agrícola e Industrial recebida em 1983 e a Grã-cruz do Infante D. Henrique, em 2006.

Américo Amorim foi também o único dos muitos presidentes que esta Associação teve, a exercer quatro mandatos em diferentes períodos da sua evolução, desde a conturbada década de 70, até aos anos de expansão e internacionalização do sector no decorrer da década de 90, tendo liderado alguns dos principais acontecimentos que marcaram a história da APCOR.

Dificuldades e Obstáculos

“Obstáculos, na vida, sempre tive”, afirma Américo Amorim.

Durante a presidência da APCOR, os obstáculos foram naturalmente aparecendo, o importante é “ter a capacidade para os ultrapassar.”

Feitos e Conquistas

Enquanto presidente, orgulha-se de ter contribuído para “a crescente sustentação da transformação e a valorização dos produtos no plano da exportação”.

Os Desafios para o Século XXI

Neste campo, não tem dúvidas: “A Economia Global e os seus efeitos, nomeadamente a emergência de produtos alternativos, bem como a ausência de preparação das unidades industriais, quer se trate no plano técnico, quer se trate da dimensão excessivamente repetida para dar resposta às solicitações do mercado internacional.”



JOAQUIM FERREIRA DE AMORIM
PRESIDÊNCIA 1977-1978

Nascido em 1936, Joaquim Ferreira de Amorim possui um percurso profissional inteiramente dedicado à fileira da cortiça.

Em 1954, com apenas 18 anos, finaliza o Curso Comercial na Escola Académica do Porto, indo em seguida estagiar para França, durante um ano, na Unidade Industrial e Distribuição de rolhas de cortiça.

Entre 1956 e 1960, completa a sua formação comercial em línguas – inglês e francês – quer no Riley Institute no Porto, quer em Londres, onde obtém o Certificate Lower Cambridge.

Entre 1960 e 1966, torna-se administrador da Unidade Industrial e de Distribuição (São Paulo, Brasil), em representação da Amorim & Irmãos Lda.

De volta a Portugal em 1967, ocupa até hoje, o cargo de gerente/administrador da Amorim & Irmãos, em Santa Maria de Lamas, tendo ainda, ao longo dos anos, passado por várias empresas do Grupo Amorim com especial destaque para a A.I.P – Amorim Investimentos e Participações, SGPS, SA (Vice-Presidente do Conselho de Administração), Corticeira Amorim, SGPS, SA (Vice-Presidente do Conselho de Administração), Amorim & Irmãos, SGPS, SA (Vice-presidente do Conselho de Administração), Investife, SA (Presidente do Conselho de Administração), entre muitas outras. Foi também Presidente da Assembleia Geral da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Lourosa (1980 a 1995) e, desde 1992, é membro fundador do Conselho da Fundação da Academia Amorim, sediada em França.

Dificuldades e Obstáculos

Joaquim Ferreira de Amorim ocupou a presidência da então Associação de Industriais de Cortiça do Norte no final da década de setenta, em pleno Portugal pós-revolucionário e caracterizado por enormes mudanças a que a indústria da cortiça e os seus órgãos representativos não podiam ser imunes. Daí que, no início do seu mandato iniciado em 1977, tenha definido como tarefa prioritária a preparação do sector para os desafios presentes e futuros que iriam condicionar a evolução da indústria nacional como um todo e a indústria da cortiça em particular.

“Neste sentido - explica - dei especial ênfase a três áreas críticas para o sucesso futuro da APCOR e da unidade associativa que esta

entidade ainda hoje representa. A reestruturação a nível financeiro, tecnológico e de comunicação eram fundamentais e, simultaneamente, altamente desafiantes. Mas nenhuma destas três áreas críticas pode ser objecto de avanços qualificados sem uma profunda alteração de mentalidades. E nenhum obstáculo é mais difícil de ultrapassar que a reacção humana natural, mas muitas vezes também adversa, à mudança.”

Feitos e Conquistas

Tudo indica que a estratégia de então revelou-se acertada, pois volvidos quase trinta anos sobre esse período conturbado, Joaquim Ferreira de Amorim orgulha-se de ter adoptado como prioritárias áreas que ainda hoje são consideradas vitais e em relação às quais o desenvolvimento tem que ser constante.

“O caso da comunicação é um bom exemplo desta necessidade imperiosa de constante evolução e de permanente aperfeiçoamento sem o qual não conseguimos responder, de forma efectiva, ao mercado, também ele em constante mudança”, sublinha. E acrescenta: “Paralelamente, todo o trabalho de reestruturação do CTCOR teve início durante o meu mandato. Os frutos actualmente colhidos pela indústria através de uma focalização nos avanços tecnológicos são um facto de que me orgulho particularmente”.

Os Desafios para o Século XXI

Quanto ao futuro, diz que a palavra de ordem é só uma, competitividade, e insiste que Portugal tem de continuar a ser o detentor da melhor tecnologia de vedantes para vinho e champagne: “Dar respostas concretas às exigências do mercado e oferecer um produto de boa performance a preço competitivo é a melhor forma de com-

bater os alternativos. Sejam eles quais forem no futuro, derivados de petróleo, de alumínio ou de novos materiais que entretanto possam surgir. Só assim manteremos a liderança portuguesa neste domínio, através de uma busca incessante de competitividade”.



HENRIQUE FERREIRA VEIGA DE MACEDO
PRESIDÊNCIA 1982-1985

Nascido em Santa Maria de Lamas, em 1948, Henrique Veiga de Macedo representa a quinta geração de uma família de corticeiros. Toda a sua formação profissional foi feita na empresa familiar, a Henrique F. Macedo, propriedade do seu avô e para onde entrou em 1968, após completar o curso complementar dos Liceus.

Em 1976, já gerente da fábrica JA Veiga de Macedo Lda. (entretanto renomeada e largamente ampliada), é convidado por Américo Amorim, então presidente da Associação dos Industriais e Exportadores de Cortiça do Norte, para integrar a recém criada Comissão de Publicidade, à época uma iniciativa inédita

e visionária destinada a promover a cortiça portuguesa junto dos mercados internacionais. Durante o seu mandato como presidente, representou a associação no CEN – Conselho Empresarial do Norte (1982/1985) e, posteriormente, foi vice-presidente da Associação Industrial Portuense, actualmente AEP – Associação Empresarial de Portugal (1985/1994) e membro do primeiro conselho de administração da EXPONOR (1986/1991).

Actualmente, Henrique Veiga de Macedo é presidente da assembleia-geral de duas empresas familiares, a JA Veiga de Macedo (da qual foi presidente do conselho de administração entre 1992 e 2004) e a SÁ Rosa SA (administrador entre 1985 e 2004), bem como administrador da empresa de serviços EURISKO, S.A. e do centro de serviços e apoio às empresas CESAE que ajudou a fundar, em 1985, Presidente da Assembleia Geral da APCOR e pertence ao Conselho Geral do CTCOR.

Dificuldades e Obstáculos

Convidado por Américo Amorim, no fim do seu segundo mandato, para lhe suceder na presidência da associação, Henrique Veiga de Macedo, então com apenas 33 anos, recorda que a maior dificuldade que encontrou foi “a hegemonia da CGTP junto do sector operário”. “Felizmente, o aparecimento da UGT veio harmonizar a situação”.

Feitos e Conquistas

É com indisfarçável orgulho que enumera, sem hesitação, os três grandes feitos levados a cabo durante o seu mandato:

“Tanto a fundação do Centro Tecnológico da Cortiça (CTCOR), como a do Centro de Forma-

ção Profissional da Indústria da Cortiça (CINCORK), mas também o grande esforço desenvolvido para alterar a legislação que regia a compra da matéria-prima na floresta, uma modificação legal que recebeu um grande apoio do ministro da Agricultura de então, Álvaro Barreto.” Presidente da comissão instaladora do CTCOR por nomeação de José Veiga Simão, à época ministro da Indústria, quando, em 1987, o CTCOR é finalmente inaugurado, Henrique Veiga de Macedo ocupa a presidência da comissão de fiscalização com reporte directo ao ministro da tutela.

Mas quando relembra o trabalho desenvolvido durante esses anos, faz questão de sublinhar não só “o apoio incondicional da totalidade dos colegas industriais, como também o aconselhamento permanente que recebia, em especial de Américo Amorim”. E acrescenta: “Considero que Américo Amorim, embora se tenha destacado nas mais diversas áreas da economia do país, foi e continua a ser a mais importante personalidade do nosso sector.”

O Maior Desafio para o século XXI

“Sou um optimista por natureza”, confessa. “E acredito convictamente na cortiça. Aliás, penso que as muitas ameaças exteriores que temos sentido como os vedantes sintéticos, revelaram-se extremamente benéficas para o sector, pois obrigaram-no a responder, a contra-atacar e a crescer sob todos os pontos de vista - qualidade, investigação, tecnologia... -, para que actualmente, possamos oferecer ao mercado um produto de excelência, o melhor do mundo”. E finaliza: “Para mim, o maior desafio dos próximos tempos passa por criar, entre nós, os industriais portugueses da cortiça, uma mudança de mentalidades, assim como, uma política de verdade”.



CARLOS ALBERTO FERREIRA DE LIMA
PRESIDÊNCIA 1986-1988 – 1989-1991

Nascido em Lourosa, em 1942, Carlos Alberto Ferreira de Lima iniciou o seu percurso académico no Instituto Comercial do Porto.

Entre 1959 e 1963, viveu em Paris, onde se formou em Língua e Civilização Francesa pela Sorbonne, tendo também completado uma licenciatura em Administração de Empresas pelo Institut d'Administration d'Entreprises (1964).

Em 1968, tornou-se administrador/gerente da corticeira FACOL – José de Almeida Lima & Filhos e, em 1980, da SUPRA – Sociedade Unida de Produtos Aglomerados, funções que ainda hoje exerce. Foi, também, fundador e Presidente do Conselho

de Administração do CTCOR (1987/1990) e administrador do CINCORK (1986/1992).

Entre 1990 e 1993, ocupou a vice-presidência da C.E.Liège e foi membro consultivo para a criação da Fileira da Cortiça, em Bruxelas.

À margem do sector corticeiro, participou na fundação da empresa de calçado ECCO (1976/1978) e foi vereador da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira (1976/1979).

Dificuldades e Obstáculos

Carlos Alberto Ferreira de Lima recorda que, ao longo dos seus dois mandatos, procurou, insistentemente, solucionar um problema que, ainda hoje, diz não estar resolvido: “Tentei, a todo o custo, evitar a adulteração das qualidades do produto final que, a meu ver, se deviam à existência de numerosos intermediários entre a floresta e a indústria. Caso tivesse conseguido a supressão total ou, pelo menos, parcial desses intermediários, a inflação dos preços da cortiça que então se verificava (e que ainda agora se verifica), teria sido menor e não teria tido como consequência, o aparecimento dos actuais sucedâneos e a perda de cota de mercado”.

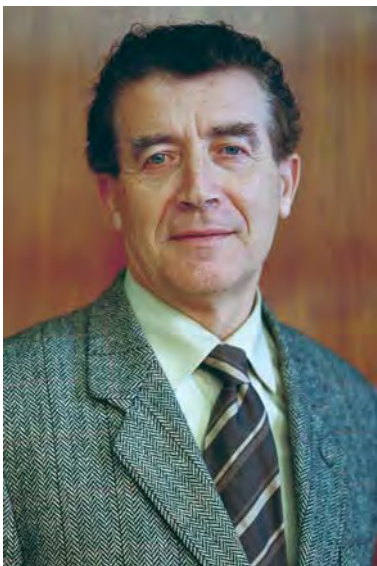
Feitos e Conquistas

Foi tendo em conta esta situação que Ferreira de Lima refere o projecto que desenvolveu e pelo qual muito se bateu, embora nunca tenha sido implementado. “O meu projecto destinava-se a regular este sector, evitando assim a já referida intermediação. Infelizmente, não foi aprovado pelo Ministério da Indústria.” Realizou, contudo, muitas outras iniciativas de que se orgulha, pois “deram frutos e marcaram a diferença”. É o caso da participação no protocolo estabelecido com

o LENETI e o IAPMEI para a criação do CTCOR e da construção das respectivas unidades norte e sul, mas também da modernização das instalações da Associação, ainda bastante precárias quando iniciou o seu mandato. “Consegui restaurá-las, aumentar a dimensão total e criar novas condições de trabalho, dando uma outra dignidade à nossa sede que ficou como está hoje”, acrescenta. Conta ainda que, em conjunto com a Direcção Geral da Indústria, realizou o levantamento curricular das unidades fabris existentes (à época, cerca de 900), a grande maioria a laborar sem condições apropriadas: “O nosso objectivo passava pela melhoria dessas condições através da utilização dos fundos comunitários”. Por fim, refere um último feito, o de ter conseguido minorar a eterna divergência entre os subericultores e a indústria transformadora através da assinatura de um protocolo com a ACAP (Associação Central da Agricultura Portuguesa).

O Maior Desafio para o Século XXI

É com a convicção de quem já estudou longamente o assunto que Ferreira de Lima enuncia aqueles que considera serem os três grandes desafios deste século: “Em primeiro lugar, há que reconquistar, a nível mundial, o mercado nobre e tradicional da rolha de cortiça natural e exigir que, no rótulo das garrafas, venha a indicação da utilização dessa rolha. Em seguida, deve-se tentar relançar a indústria vocacionada para a produção de rolhas naturais e limitar a produção de rolhas aglomeradas. Finalmente, penso que faz todo o sentido criar uma directiva europeia que promova a utilização da cortiça como material de construção nobre e de enormes potencialidades, dado ser ecológico, possuir um altíssimo coeficiente de isolamento e ser uma matéria auto-extinguível”.



HENRIQUE MARTINS DA SILVA
PRESIDÊNCIA 1998-2000 E 2001

Nascido em Mozelos, em 1942, Henrique Martins da Silva iniciou a sua carreira profissional na Corticeira Amorim de onde sai em 1980, decidido a criar a sua própria empresa.

Juntamente com o sócio Manuel Bastos, funda a Subercor – Cortiças de Portugal Lda, a origem do Grupo Suberus do qual é Presidente e que integra a Vinocor e a Subercentro, bem como diversas empresas espalhadas pelos principais mercados produtores de vinho.

Entre outros cargos, presidiu ao Conselho de Administração do CTCOR (1999/2001) e à CE Liège entre 2000 e 2003.

Sendo, desde 2003, o Vice-Presidente da APCOR, Henrique Martins da Silva é também membro do conselho consultivo do ICEP, vogal do Conselho de Administração do CINCORK, bem como o representante quer da APCOR no Conselho Consultivo da FILCORK, quer da fileira da cortiça no Comité Europeu da Florestas.

Dificuldades e Obstáculos

Henrique Martins da Silva não hesita a ao relembrar a maior dificuldade que a equipa a que presidiu enfrentou: “Conseguir sensibilizar os colegas associados de que os problemas com que se confronta o sector são de todos”. E confessa: “Infelizmente, não conseguimos”.

Feitos e Conquistas

Orgulha-se, contudo, de alguns dos objectivos concretizados e que lhe deram “a sensação do dever cumprido”. É o caso dos projectos de promoção da rolha de cortiça, a estabilização da situação financeira então caótica vivida pelo CTCOR, o início da construção das novas instalações do CINCORK, a profissionalização da APCOR e a implementação do SYSTECODE.

Os Desafios para o Século XXI

Quanto ao futuro, as suas previsões não são as mais optimistas: “Apenas consigo vislumbrar alguns desafios para a próxima década e destes destaco a falta de alternativas à grande expressão que as rolhas têm no negócio da cortiça”.



ANTÓNIO RIOS DE AMORIM
PRESIDÊNCIA 2002-2005 – 2006-2008

Presidente da APCOR desde 2002, António Rios de Amorim é também Presidente do Conselho de Administração da Corticeira Amorim.

Nascido em 1967, diplomou-se pela Universidade de Birmingham, no Reino Unido (Degree of Commerce), tendo, posteriormente, realizado formação complementar em diversas áreas com destaque para a enologia (Diplome d’Oenologie, pela Universidade de Bordéus), o marketing (Marketing Certificate pela London Chamber of Commerce) e a gestão (Managerial Skills for International Business pelo INSEAD).

Iniciou a sua carreira em 1989, na Amorim - Investimentos e Participações, ainda como estagiário mas já com um enfoque especial em todas as áreas da cortiça. Entre 1990 e 1992, torna-se administrador executivo da Indústria Têxtil do Ave, cargo que passa, igualmente, a ocupar até 1995, na Amorim Hotéis, tendo sido o responsável pelo desenvolvimento da cadeia Íbis e Novotel.

Entre 1993 e 1995, foi também o responsável operacional da Amorim-Empreendimentos Imobiliários, promotora dos projectos Torres de Lisboa e Arrábida Shopping.

Dificuldades e Obstáculos

É do conhecimento geral que ao longo destes três últimos anos, têm sido muitas as dificuldades enfrentadas pelo sector corticeiro.

Mas em 2002, no ano em que António Rios de Amorim iniciou o seu mandato, a bem orquestrada campanha internacional de descredibilização da cortiça enquanto vedante para vinhos, atingia o seu auge e surgiam já os primeiros sinais de sucesso junto de alguns mercados do Novo Mundo vinícola.

“Esse sucesso representava um importante obstáculo, mas não o principal obstáculo”, relembra António Amorim. “Na verdade - esclarece - este residia na crescente desmotivação que alastrava pelo sector, certamente entre os industriais de cortiça nacionais, mas também em outros países. Daí que a maior dificuldade do meu primeiro mandato como Presidente desta importante entidade tenha sido, sem dúvida alguma, recuperar a confiança no material cortiça como base para o crescimento sustentado enquanto, simultaneamente, se desen-

volvía a motivação sectorial necessária para combater os poderosos lobbies internacionais que nos atacavam”.

Feitos e Conquistas

E é com indisfarçável orgulho que António Amorim diz ter conseguido devolver, quer aos mais agressivos críticos da cortiça, quer aos seus mais determinados defensores, a inequívoca certeza de que a cortiça de qualidade tem um futuro tão ou mais brilhante como o seu passado. Explica que os vários artigos em importantes publicações como o *Financial Times*, o *Wall Street Journal* ou o *Wine Spectator* são a face mais visível do renovado apoio de importantes *opinion-makers* internacionais à cortiça em geral e a uma nova e moderna atitude do sector, em particular. “Mas são as centenas de milhões de garrafas produzidas e consumidas do Chile aos Estados Unidos, da África do Sul ao Reino Unido e que, desde 2003, regressaram à cortiça, que representam a verdadeira medida do trabalho de re-credibilização e projecção internacional que alcançámos durante estes dois mandatos”, insiste. Um trabalho que, como faz questão de frisar, teve como vector primordial a CIC II, um importante esforço internacional que não teria sido possível sem um igualmente importante esforço de persuasão junto de entidades oficiais como o Governo e o ICEP: “Ambos acreditaram não só nas propostas por nós feitas, como nos objectivos a que nos propúnhamos.”

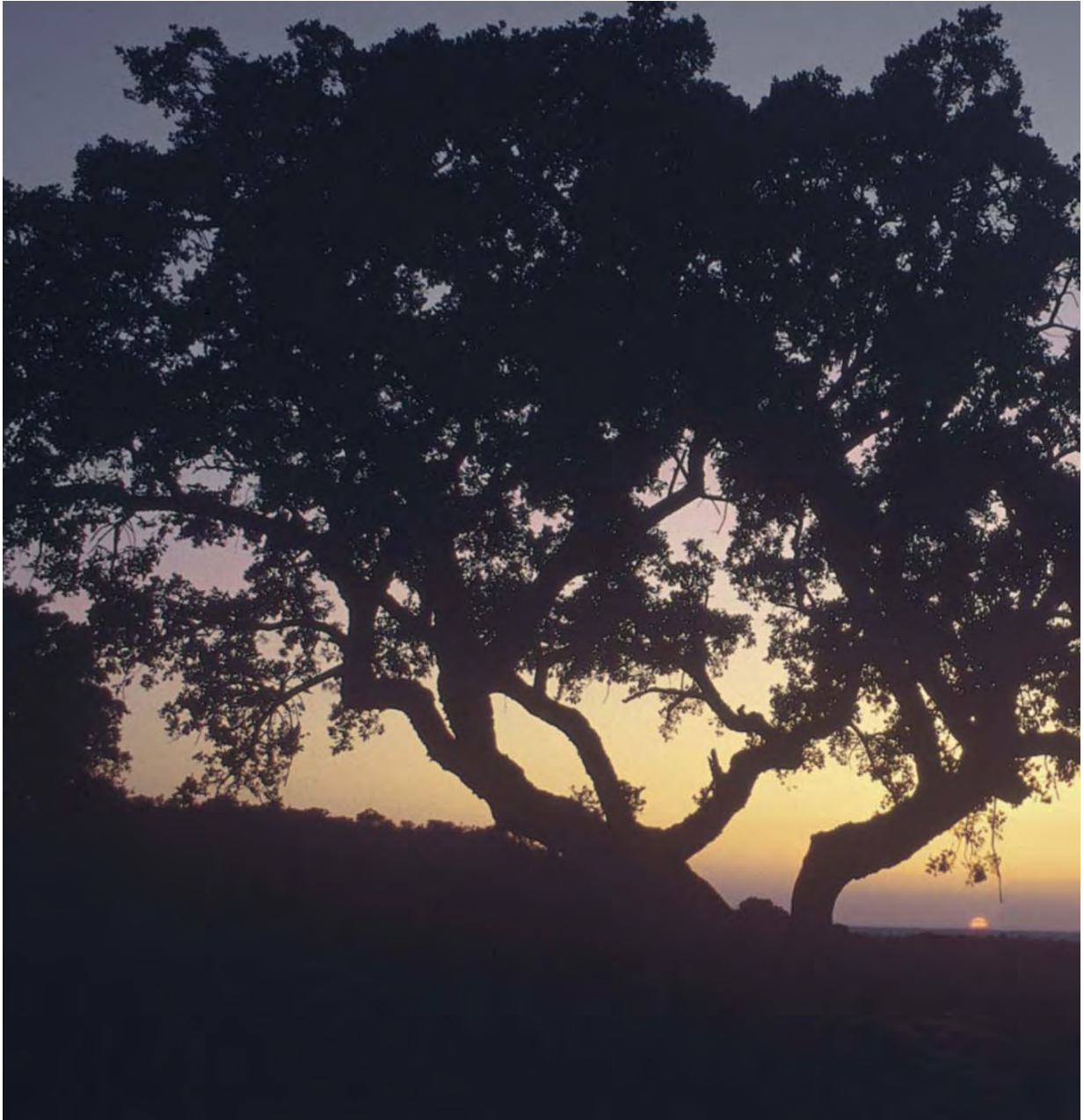
Os desafios para o Século XXI

Ainda assim, há que continuar a lutar pela cortiça portuguesa. Segundo António Amorim, o maior desafio que a fileira terá de enfrentar neste próximo século será, com toda a certeza, a capacidade de continuar a criar valor acrescen-

tado para os seus utilizadores, num quadro de equilíbrio de recursos de um bem que, não sendo escasso, é certamente limitado quanto à sua disponibilidade actual a médio e longo prazo. “Esta criação de valor passará por dois pilares cruciais: aumento continuado da performance das suas actuais utilizações e, simultaneamente, criação de novas aplicações para a cortiça. Os desafios colocados pelos produtos alternativos à cortiça nos diversos mercados e sectores onde ela já se encontra presente não vão desaparecer. Mas estes desafios só serão ultrapassados através de uma nova mentalidade em toda a fileira da cortiça, uma mentalidade que responda a critérios de qualidade de produto, de sustentabilidade de recursos florestais e de I&D abrangente e orientada para o mercado”.

E conclui o seu testemunho, defendendo que os desígnios desta Associação – o desenvolvimento e a liderança mundial deste importante sector económico –, devem também ser os desígnios de uma Nação que, desde há séculos, faz da exploração e transformação da cortiça um exemplo único de como criar riqueza, protegendo simultaneamente os seus recursos naturais.

“Estes objectivos são, hoje em dia, mais necessários que nunca. O compromisso desta Presidência é e será sempre, o de continuar a trabalhar com os associados da APCOR na defesa intransigente destes objectivos e na ultrapassagem das dificuldades que, num mercado cada vez mais competitivo, se colocam ao nosso sector.”





APCOR. PRESENTE E FUTURO.

Passaram cinquenta anos desde que pouco mais de uma centena de industriais de uma das zonas mais deprimidas do país, resolveu unir esforços e engenho na prossecução de um único objectivo: promover e incrementar a indústria corticeira da região norte onde, há muito, se produziam os melhores vedantes do mundo, rolhas da mais pura cortiça.

A aposta revelou-se acertada e, hoje, é com orgulho que podemos afirmar que o objectivo de então foi amplamente atingido e até largamente ultrapassado.

Ao longo deste meio século de existência, o incipiente Grémio de então ganhou, merecidamente, dimensão, credibilidade e notoriedade, transformando-se na Associação Portuguesa de Cortiça, a legítima representante da indústria corticeira nacional, da qual fazem parte cerca de 300 empresas associadas, responsáveis por cerca de 80% da produção nacional e por 85% das exportações da cortiça portuguesa.

Mas a nossa responsabilidade é ainda maior ao pensarmos no sentido de Fileira da Cortiça e na expressão do montado de sobro, riqueza única e indissociável do nosso património natural e que faz parte da nossa identidade lusitana.

Sendo Portugal o maior produtor e exportador de cortiça do mundo e a rolha, esse vedante excepcional, o mais eficaz embaixador da cortiça portuguesa no estrangeiro, há que prosseguir no caminho encetado em 1956 e continuar a investir no aperfeiçoamento constante, na inovação, na excelência, na investigação, em novas aplicações cada vez mais sofisticadas e, sobretudo, numa parceria constante e profícua com

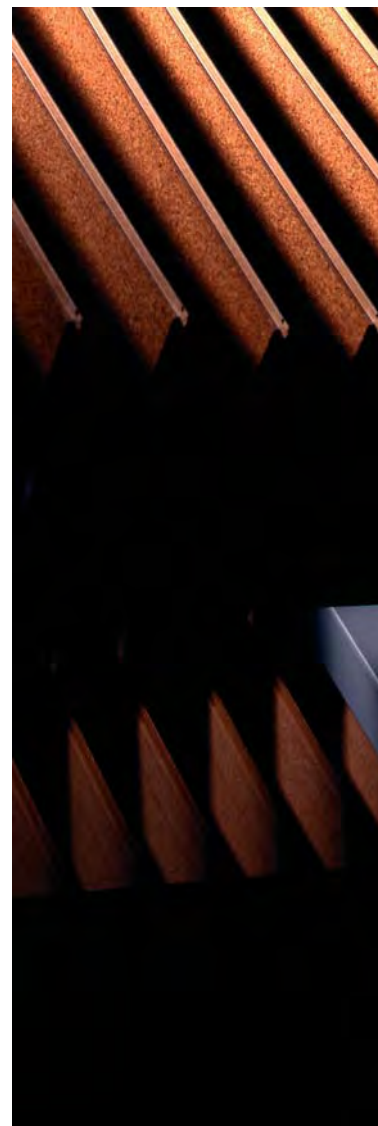
a indústria vinícola para garantirmos que, no futuro, tal como agora, um vinho de qualidade será sempre vedado por uma rolha de igual qualidade.

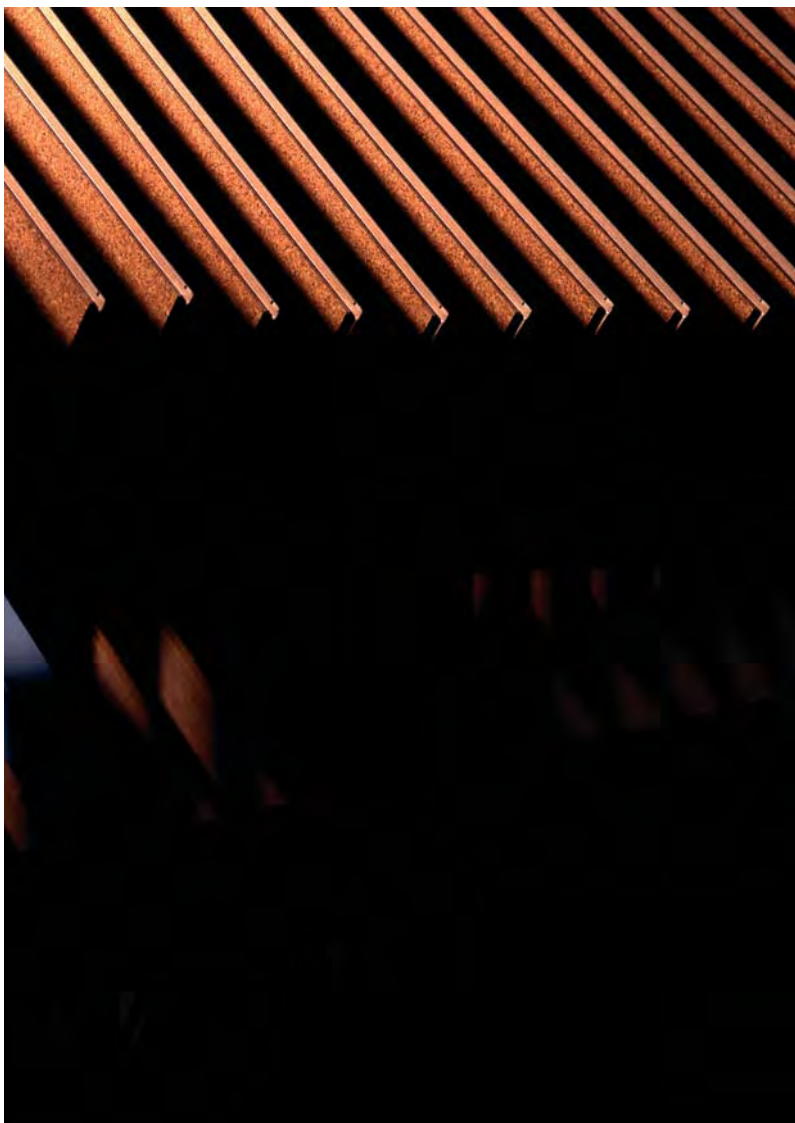
Foram muitas as conquistas por nós alcançadas e nunca é demais relembrar a obra feita. A fundação do CTCOR e do CINCORK são dois bons exemplos ao garantirem as condições de desenvolvimento técnico e de investigação, bem como a formação de activos e jovens da região que, deste modo, contavam com uma oportunidade de qualificação específica e de valorização curricular. Do mesmo modo, contamos, desde o ano 2000, com a implementação do SYSTECODE, registando-se um aumento galopante de empresas aderentes, sinal inequívoco do comprometimento da indústria com a qualidade. O Projecto CIC – Campanha Internacional da Cortiça, edição I e II, conseguiui repor a imagem positiva dos produtos de cortiça junto de importantes mercados internacionais conseguindo-se, assim, repor a confiança dos consumidores face ao produto rolha de cortiça, num momento especialmente complicado pela acção provocadora dos vedantes alternativos. A nível interno, junto da indústria, foi possível, através do projecto CorkAcção, iniciar um processo de modernização de importantes competências de gestão, tendo por base o objectivo de reforçar a competitividade do sector. Não se pretendendo fazer aqui uma descrição exaustiva de todos os trabalhos realizados, estamos certos de que, nos últimos anos, a APCOR definiu e implementou um plano de acção estratégico, bastante ambicioso e que, de algum modo, está na base do processo de mudança a que o sector não está alheio e para o qual tem de encontrar respostas eficazes.

Conforme é referido, o plano de acção estratégico surge num contexto adverso e determinado por um quadro altamente complexo ditado pelo mercado vitivinícola mundial. Sendo um sector determinante para a viabilidade da indústria da cortiça, o sector vitivinícola mundial assistiu, por sua vez, a uma completa revolução caracterizada pelo aumento considerável da produção de vinho, fortemente determinada pela acção do Novo Mundo Vinícola. Paralelamente, assiste-se a uma democratização crescente do consumo de vinho provocada quer pela introdução das técnicas de marketing, quer por alterações demográficas, sócio-culturais e comportamentais dos consumidores. Em consequência, surgiram novas técnicas de produção vitivinícola, novos vedantes e a questão da prevenção e erradicação do TCA tornou-se essencial.

E, verdade seja dita, nem sempre a indústria corticeira soube responder com a rapidez necessária a todas estas alterações do mercado que vieram questionar a hegemonia da rolha de cortiça.

Contudo, a resposta pode ter tardado, mas acabou por chegar. Assim o provam estes últimos anos, pródigos em medidas e em investimentos – 400 milhões de euros - destinados não só a flexibilizar, modernizar e internacionalizar a nossa indústria, como em incrementar o desenvolvimento tecnológico. Um investimento que não se limitou à indústria da rolha mas que, muito pelo contrário, também tem sido utilizado no desenvolvimento de outras aplicações da cortiça, designadamente nos materiais de construção, em aplicações para fins desportivos e na indústria automóvel. Aliás, no que diz respeito à fileira de materiais de construção, é bem patente a qualidade das empresas





que compõem este sector, bem como o esforço dispendido na persecução dos seus objectivos, hoje claramente reconhecidos pelo mercado internacional.

Por outro lado, veja-se o número crescente de empresas portuguesas com processos de investigação e desenvolvimento operacional em curso, não esquecendo a aposta na implementação de sistemas de qualidade. Contamos ainda com o aparecimento de produtos inovadores e de alta qualidade que reforçaram a nossa capacidade de resposta ao mercado em todos os segmentos de produtos.

Daí que não haja dúvidas de que tomámos o caminho certo. Acreditamos firmemente que o futuro, o nosso futuro enquanto indústria líder na produção, transformação e exportação de cortiça e, sobretudo, de rolhas, passa por continuarmos a mudança de atitude iniciada nos últimos anos e continuarmos a apostar em valores imutáveis como a qualidade, a exigência e a inovação. Só assim é que conseguiremos credibilizar as outras aplicações da indústria da cortiça que complementam a gama dos produtos mais históricos. Para além da promoção das múltiplas aplicações conhecidas actualmente, é também nosso dever continuar o esforço incessante para o desenvolvimento de novos produtos para o futuro, explorando com criatividade e persistência todo o potencial que tão rica matéria-prima dispõe para oferecer nos anos vindouros.

À APCOR cabe um papel central e dinamizador em todo o processo de desenvolvimento do sector, garantindo-se, assim, a prossecução dos objectivos essenciais na defesa e promoção da Indústria Portuguesa de Cortiça.

Ficha Técnica:

Propriedade: APCOR - Associação Portuguesa de Cortiça, Av. Comendador Henrique Amorim, 580 - Apt. 100, 4536-904 Santa Maria de Lamas, PORTUGAL | Tel. +351 227 474 046 |

Fax 227 474 049 | realcork@apcor.pt | realcork.org | **Coordenação Editorial:** Cláudia Gonçalves | **Redacção e Pesquisa:** Leonor Vaz Pinto | **Fotografias:** Espólio APCOR, João Nunes da Silva,

Nuno Correia e Virgílio Ferreira | **Projecto Gráfico:** Brandia Central | **Paginação:** Brandia Central | **Impressão:** CTP | **Tiragem:** 1.000 exemplares | **Publicação:** Novembro 2006.